

A RECUPERAÇÃO LEXICAL E O FENÔMENO “PONTA DOS DEDOS” NA LIBRAS

Juliane Farah Arnone¹
Felipe Venâncio Barbosa²

20

Resumo em Libras



<https://youtu.be/eiAX5CWgnzg>

Resumo

Os objetivos desta pesquisa são: analisar e discutir como ocorre a busca por sinais-alvo na recuperação lexical de pessoas surdas que utilizam a Libras como língua principal; verificar a ocorrência do fenômeno “ponta dos dedos” (*TOF*, do inglês *tip of the fingers*); e descrever os aspectos fonológicos durante a ocorrência do fenômeno. Para atingir os objetivos da pesquisa foi realizado um teste com 34 adultos/as surdos/as, que consistia na sinalização de nomes próprios de celebridades e de cidades do mundo. Enquanto visualizavam as imagens dessas pessoas/ lugares, os/as participantes deveriam dizer se sabiam o sinal ou se estavam experienciando o *TOF*. Neste último caso, o/a participante deveria sinalizar tudo o que recuperava do sinal- alvo naquele momento do *TOF*. Foram apresentados 69 estímulos por participante, resultando em 2346 estímulos totais e, como resultado, observou-se a ocorrência de 20 *TOFs* (0.9% dos estímulos). Em todos os casos, pelo menos um aspecto fonético-fonológico foi recuperado no momento do *TOF*, sendo o parâmetro movimento o menos recuperado. Esse fato pode indicar que os parâmetros localização, configuração de mão e orientação manual constituem o *onset* silábico na estrutura de formação do sinal.

Palavras-chave:

Libras; Ponta dos dedos; recuperação lexical; língua de sinais.

Recebido em: 30/07/2022
Aprovado em: 23/09/2022

¹Doutoranda do Departamento de Linguística da FFLCH - USP (email: juliane.farah.arnone@gmail.com)

²Professor Doutor do Departamento de Linguística da FFLCH - USP (email: felipebarbosa@usp.br)

THE LEXICAL RETRIEVAL AND THE “TIP OF THE FINGERS” PHENOMENON IN LIBRAS

Abstract

The aim of this research is to analyze and discuss how the search for target signs occurs in the lexical retrieval in deaf people using Brazilian Sign Language (Libras); to verify if the “tip of the fingers” (TOF) phenomenon occurs; and describe the phonological aspects in the occurrence of the phenomenon. In this sense, a test was prepared to elicit the phenomenon in 34 deaf adults. The test consisted of the signing regarding proper names of famous personalities and cities in the world. Images were displayed and the participant should say whether or not she/he knew the sign for the person or city, or whether she/he was experiencing TOF. In the latter case, the participant should sign what was remembered of the target sign. A total of 69 stimuli were performed per participant, totaling 2346 stimuli and, as a result, we obtained the occurrence of 20 TOFs (0.9% of the stimuli). In all TOF cases, at least one of the phonological parameters was retrieved. The movement is the least recovered parameter at the time of TOF. This fact may indicate that the parameters localization, hand configuration and orientation constitute the onset of the syllabic structure of the sign.

Keywords

Libras; tip of the fingers; lexical retrieval; sign language.

Introdução

Os estudos da recuperação lexical auxiliam no entendimento de como ocorre o processamento da linguagem humana. A análise de fenômenos que ocorrem nas línguas de sinais pode contribuir ainda mais para esse entendimento uma vez que oferecem informações específicas por operarem em uma modalidade diferente das línguas orais. O estudo da ocorrência de fenômenos como o chamado “ponta da língua” é um desses casos.

O fenômeno “ponta da língua” (conhecido como TOT, do inglês tip of the tongue) ocorre quando nos sentimos incapazes de recuperar uma palavra conhecida e temos a certeza de que sabemos qual é a palavra e, ainda, que ela está prestes a ser recuperada. Desta forma, estamos diante de um fenômeno em que o item lexical é conhecido (seu sentido, sua execução linguística e seu uso), mas é esquecido temporariamente. A pessoa está certa de que sabe qual é a palavra esquecida e tem a sensação de que ela será recuperada a qualquer momento, ou seja, está com essa palavra na “ponta da língua”. O psicólogo norte-americano William James (1842-1910) fez uma descrição do fenômeno que ficou bastante conhecida:

Suponha que tentemos nos lembrar de um nome esquecido. O estado de nossa consciência é peculiar. Há uma lacuna no seu interior, mas não uma mera lacuna. É uma lacuna intensamente ativa. Uma espécie de fantasma do nome está ali, acenando-nos em uma determinada direção, fazendo-nos, em alguns momentos, formigar com aquele sentimento de proximidade com o nome e, então, ele nos deixa afundar sem alcançar o termo almejado. Se nomes errados são propostos para nós, esta lacuna singularmente definida atua de forma a negá-los. Eles não se encaixam em seu molde. E a lacuna de uma palavra não é sentida como a de outra (...) (JAMES, 1890, p 251 *apud* BORODKIN; FAUST, 2015).

O TOT é um fenômeno de recuperação lexical que envolve as seguintes características: sentimento de iminência da recuperação da palavra; inacessibilidade momentânea da palavra; e o sentimento de conhecimento da palavra-alvo (BROWN, MCNEILL, 1966; RASTLE, BURKE, 1996; SCHWARTZ, 2002).

Foi com o estudo realizado por Brown e Mcneill, em 1966, que o fenômeno TOT foi analisado de maneira sistemática e com um contorno metodológico específico. Nesse estudo, definições de palavras eram lidas para estudantes universitários previamente instruídos sobre o fenômeno. Os estudantes julgavam se estavam experienciando o TOT e, se sim, deveriam fornecer informações no seu momento de ocorrência.

O estudo de Brown e Mcneill forneceu importantes informações relacionadas à recuperação lexical do indivíduo que experiencia o TOT como, por

exemplo, a recuperação dos fonemas iniciais da palavra-alvo, bem como o número de sílabas e o acento tônico das palavras-alvo.

Os estudos de Brown e Mcneil impulsionaram novas investigações sobre o TOT, com diferentes metodologias. Os estudos concluíram que as palavras têm diferentes potenciais de induzir o TOT. Palavras de baixa frequência de uma língua induzem mais facilmente o TOT do que palavras de alta frequência. A ocorrência do fenômeno também varia de acordo com a classe das palavras: ocorre mais, por exemplo, com nomes próprios (nome de lugares, pessoas, celebridades, nome de livros, filmes etc.). Além disso, palavras mais longas, com poucos “vizinhos fonológicos” são mais comuns de induzir o TOT (BORODKIN; FAUST, 2015).

A partir das informações apresentadas sobre o TOT, podemos nos perguntar como um fenômeno como esse ocorre nas línguas de sinais, cuja modalidade é diferente das línguas orais. O estudo com língua de sinais permite avaliar quais unidades fonético-fonológicas (configuração da mão [CM], localização [L], movimento [M], orientação da mão [O] e aspectos não manuais [ANM]) são evocadas durante o fenômeno e o que esses elementos recuperados podem nos dizer sobre a recuperação lexical das línguas sinalizadas.

Conforme mencionado, desde o estudo de Brown e McNeill (1966) muitos pesquisadores se dedicaram ao estudo do fenômeno “ponta da língua” em línguas orais. Entretanto, pouco foi descrito com relação ao fenômeno nas línguas de sinais. Thompson, Emmorey & Gollan (2005) fizeram um estudo sobre o TOT na Língua de Sinais Americana (ASL) e chamaram o fenômeno de “ponta dos dedos” (TOF, do inglês tip of the fingers). Porém, a bibliografia acerca do fenômeno nas línguas de sinais é bastante escassa. Por isso, destaca-se a importância de mais experimentos acerca desse fenômeno nas línguas de sinais, principalmente na Língua Brasileira de Sinais (Libras) língua em que o fenômeno nunca fora estudado.

As línguas de sinais são línguas naturais e a compreensão de seu processamento pode auxiliar nos estudos em neurociência e a desvendar questões linguísticas sobre o processamento da linguagem. Os objetivos deste trabalho são: observar, analisar e discutir como ocorre a busca por sinais-alvo, em indivíduos surdos, fluentes na Língua Brasileira de Sinais (Libras); verificar se ocorre, nesses indivíduos o fenômeno “ponta dos dedos”; e descrever os aspectos fonético-fonológicos na ocorrência do fenômeno.

Métodos

Foram selecionados 34 adultos/as surdos/as, com idade superior a 18 anos, usuários/as da Libras como primeira língua. Selecionamos apenas aqueles/as que relataram utilizar a Libras como principal língua de comunicação. Não foi colocado um limite máximo de idade e foram selecionados/as participantes que não possuíam queixas de linguagem.

Foi aplicado um teste de nomeação elaborado baseando-se nos estudos sobre TOT (BROWN; MCNEILL, 1966; BORODKIN; FAUST, 2015) e TOF (THOMPSON; EMMOREY; GOLLAN, 2005). Foi descrito na literatura que o

fenômeno “ponta da língua” ocorre com maior frequência com nomes próprios (BORODKIN; FAUST, 2015). Esse dado foi confirmado nas línguas de sinais pelas autoras que realizaram o estudo sobre o fenômeno na ASL (THOMPSON; EMMOREY; GOLLAN, 2005). Vale lembrar aqui que os nomes próprios nas línguas de sinais são representados de duas formas: através de sinais específicos atribuídos a cada pessoa ou por meio da soletração manual. Tendo isso em vista, o teste foi desenvolvido com o objetivo de eliciar o TOF por meio de nomes próprios, enfocando apenas os sinais lexicais. O teste foi dividido em duas partes: parte 1, eliciando a realização de sinais referentes a personalidades, no qual o/a participante devia observar a foto da personalidade e realizar o seu sinal; e parte 2, com a eliciação de sinais referentes a cidades do mundo, no qual o/a participante devia observar a foto da cidade e realizar o seu sinal.

Para a parte 1 foram selecionadas 44 personalidades brasileiras e estrangeiras, reais e fictícias. Para tal seleção, as personalidades foram agrupadas em categorias semânticas: jogadores de futebol, pilotos de fórmula 1, apresentadores e apresentadoras de televisão, atores/atrizes, políticos e personagens. Para cada categoria semântica, foram selecionadas personalidades de modo que formassem uma espécie de continuum, uma gradação entre mais conhecidas e menos conhecidas. Da mesma forma que a parte 1, a parte 2 buscou eliciar o fenômeno por meio de nomes próprios. Nesta parte, ao invés de personalidades, foram selecionadas fotos de 25 cidades de diferentes países do mundo.

Foi realizado um vídeo explicativo aos participantes, sinalizado por uma surda nativa, no qual continham informações sobre o fenômeno, o objetivo da pesquisa e as instruções do teste. Os/as participantes foram instruídos/as a dizer, ao observar a foto, se sabiam ou não o sinal. Se não soubessem, poderiam recorrer ao nome da personalidade ou da cidade escrito em português para tentar auxiliá-los. Os/as participantes apenas recorreriam ao nome em português caso não reconhecessem a pessoa ou lugar pela imagem. Essa foi a única interferência da língua oral presente no estudo. Não foi possível eliminar essa interferência, pois não podíamos pressupor que o indivíduo reconhecesse a pessoa ou o lugar apenas pela imagem. Caso continuassem não sabendo o sinal, deveriam passar para próxima foto e continuar o teste. Se soubessem, deveriam realizar o sinal referente à pessoa ou à cidade e continuar o teste. Caso não recuperassem o sinal imediatamente, deveriam sinalizar tudo o que lembrassem do sinal: configuração de mão, localização, orientação da palma, movimento e sinais semelhantes. Se o/a participante lembrasse o sinal deveria realizá-lo a qualquer momento. Se não lembrasse, o aplicador do teste realiza o sinal e o/a participante informa se é aquele que estava tentando recuperar.

A aplicação do teste foi filmada para análise posterior. Para a análise foi utilizado o software ELAN.

Resultados

Somando-se as 44 imagens das celebridades com as 25 das cidades, temos um total de 69 estímulos selecionados para tentar eliciar o TOF em cada um(a)

dos/as 34 participantes. De todos os estímulos, puderam-se constatar três possibilidades de realização dos sinais pelos/as participantes: 1) o/a participante sabia e realizou o sinal correto; 2) o/a participante não sabia (ou não lembrava) o sinal ou realizou o sinal incorreto; e 3) o sinal ficou na “ponta dos dedos” (TOF).

De todos os estímulos (total de 2346), constatou-se que 1387 (59,1%) foram do tipo “não sabia” ou “não lembrava” e 940 (40%) do tipo “sabia e realizou o sinal correto”. O fenômeno TOF não tem uma metáfora própria na língua de sinais como tem nas línguas orais (“ponta da língua”), por isso, os/as participantes não relataram expressamente a ocorrência do fenômeno, fato que acontece com frequência nas línguas orais. Entretanto, foi possível observar 20 (0,9%) ocorrências do TOF de sinais em 13 (38,2%) participantes distintos (de um a três por pessoa).

Foram considerados TOFs as ocorrências em que o indivíduo demonstrou que conhecia o sinal, em iminência de recuperação, mas que não foi recuperado imediatamente. Na aplicação do teste foram aceitas possíveis variações dos sinais e foram excluídos da análise os sinais em que não era possível saber qual era o sinal- alvo. O Gráfico 1 mostra a relação entre sinais realizados (aqueles que o/a participante sabia e realizou o sinal), sinais não realizados (aqueles que o/a participante não sabia o sinal) e TOFs.

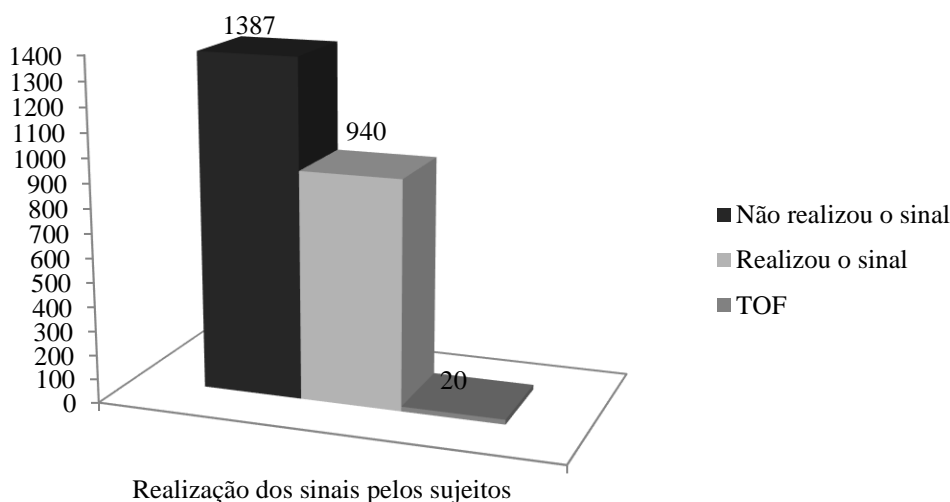


Gráfico 1. Relação de recuperação dos sinais pelos participantes.

Em todos os casos de TOF foi recuperado ao menos um dos parâmetros fonético-fonológicos da língua. Das 20 ocorrências do fenômeno, em 19 (95%) houve a recuperação de dois ou mais parâmetros. Dos parâmetros fonético-fonológicos recuperados, a configuração de mão foi recuperada em 65% dos casos (13 vezes); a localização em 70% (14 vezes); o espaço em 85% (17 vezes); o movimento em 35% (7 vezes); a orientação em 50% (10 vezes); e o número de mãos em 90% dos casos (18 vezes). Houve recuperação espontânea dos sinais pelos/as participantes em 55% dos casos (11 vezes). Dos TOFs ocorridos, os/as participantes recorreram à palavra em português em 25% dos casos (5 vezes), todas na parte 2 do teste.

Discussão

Ao observar os resultados, percebemos que 59,1% dos sinais não foram realizados pelos participantes porque estes referiram não saber ou lembrar do sinal ou porque realizaram o sinal errado. Houve também 40% de sinais realizados por serem conhecidos pelos participantes. Na tentativa de eliciar o TOF na Libras foram selecionados, conforme mencionado, sinais frequentes e sinais pouco usados na língua. No caso das personalidades famosas, por exemplo, um determinado sinal é utilizado pela comunidade surda quando está presente na mídia e as pessoas estão falando sobre aquela pessoa. Uma vez que algumas celebridades não aparecem com tanta frequência na mídia, os surdos possivelmente passam a esquecer ou nem conhecer aquele sinal. Por isso o número elevado de sinais cuja resposta foi “não sei” ou “não lembro”.

De todos os estímulos, contabilizamos 20 ocorrências de TOF (0,9%), porcentagem aparentemente baixa, mas já esperada, pois há uma dificuldade em eliciar laboratorialmente um fenômeno linguístico que ocorre natural e ocasionalmente na vida das pessoas e cuja susceptibilidade de cada um é variável, como comentado por Brown e McNeill (1966). Percebemos isso observando a porcentagem de participantes que experienciaram o TOF. Dos 34 sujeitos, 13 (38,2%) experienciaram o fenômeno. Por isso, para contornar a dificuldade, foi selecionado um número elevado de estímulos, todos de nomes próprios, conforme explicado nos procedimentos, na tentativa de eliciar mais facilmente o fenômeno.

Com relação ao momento de ocorrência do TOF, foi possível perceber elementos indicativos do fenômeno, embora este não tenha sido declarado pelos/as participantes. A expressão explícita de que se está em TOF requer não apenas uma metáfora própria na língua, mas também uma habilidade metalinguística que permita ao participante essa identificação. A Libras não possui um sinal referente ao fenômeno e a comunidade surda, por questões linguísticas e educacionais históricas, não possui a tradição de análise metalinguística em sua própria língua, necessidade apontada para, inclusive, o aprendizado de outra língua (BARBOSA, NEVES E BARBOSA, 2013).

Com base nas definições de TOT observadas na literatura foram considerados indicativos de TOF a tentativa momentaneamente frustrada de produção de um sinal, com a recuperação de algum ou alguns elemento(s) do sinal-alvo. O conhecimento do sinal deve ser a primeira etapa para que as características do TOF sejam delimitadas como tais. Nos sinais que consideramos como tendo ocorrido o fenômeno, os/as participantes prontamente se propuseram a realizar a sinalização, indicando que já haviam iniciado a recuperação do item lexical referente ao estímulo, porém a recuperação se deu de maneira incompleta.

Com o início da recuperação lexical, os/as participantes deram indícios da recuperação parcial no momento da produção do sinal. Além das características fonético-fonológicas manuais, que discutiremos em seguida, foram constatadas expressões não manuais e gestos em comum indicativos de incertezas com relação à realização do sinal, como movimento da cabeça para baixo ou para cima,

franzimento da testa, cerramento ou fechamento dos olhos, olhar distante e desvio do olhar para cima ou para baixo, curvatura da boca para baixo, realização de movimentos lentos, e o estalar/ balançar dos dedos (como se a palavra estivesse “nas pontas dos dedos”, utilizando a metáfora proposta por Thompson, Emmorey e Gollan, 2005). As Expressões não manuais na Libras são distintivas de valor e podem ocorrer na constituição fonético-fonológica do sinal, no processamento morfossintático ou em usos gestuais pragmáticos (WILBUR, 2000). Dessa forma, essas expressões são indicativas de dúvida e comunicam a presença do fenômeno.

Foi possível observar que os/as participantes puderam recuperar mais de um aspecto fonético-fonológico do sinal- alvo em 95% dos casos. Constatamos, então, que o fenômeno TOF pode ocorrer quando qualquer um dos parâmetros não for recuperado. Esse fato também foi constatada por Thompson, Emmorey e Gollan (2005). No estudo das autoras, foram recuperados mais de um aspecto fonético-fonológico em 79% das ocorrências de TOF de sinal lexical e a recuperação de mais de um parâmetro não facilitou na recuperação do item lexical.

Vamos entender, então, como ocorreu a recuperação de cada um dos parâmetros fonético-fonológicos no momento do TOF. Com base nos dados, percebemos que o parâmetro número de mãos dificilmente não é recuperado no momento do TOF. Isso pode acontecer, pois há apenas duas possibilidades de ocorrência desse parâmetro nos sinais: ou eles ocorrem com uma ou ocorrem com duas mãos (XAVIER, 2006). A alta ocorrência de recuperação do número de mãos pode ocorrer também porque, talvez, este parâmetro seja processado antes do que parâmetros com articulação mais refinada, como a configuração de mão, por exemplo.

Com relação à configuração de mão, conforme postulado no modelo conhecido como hand tier de Sandler (1986, 1987, 1989), esse parâmetro consiste na seleção de um ou mais dedos em uma determinada posição, sendo a posição dos dedos subordinada à seleção dos dedos. Na ocorrência do TOF, quando nenhum aspecto da configuração de mão é recuperado, percebemos uma tendência à realização não marcada da CM. É possível verificar também que mesmo quando a recuperação da CM não ocorre, ela pode acontecer de maneira parcial, com a seleção correta de todos ou alguns dedos e a posição correta dos dedos. Com esses dados, percebemos que decompor a CM em seleção de dedos e posição dos dedos, como havia proposto Sandler (1987, 1989) parece adequado, pois, durante a ocorrência do fenômeno, quando a CM não foi recuperada, foi possível observar a recuperação parcial, com a recuperação de elementos que compõem esse parâmetro fonético-fonológico como um todo.

A orientação da palma é considerada por alguns teóricos (BATTISON, 1974; LIDDELL & JOHNSON, 1989) como um dos parâmetros para a realização do sinal, enquanto outros os consideram como uma categoria subordinada à categoria configuração de mão (SANDLER 1987, 1989; SANDLER & LILLOMARTIN 2006). Segundo Brentari (1998), a orientação é o parâmetro fonético-fonológico menos compreendido pelos estudiosos. Pela forma como se comportam, os outros parâmetros (CM, L e M) podem ser mais facilmente

adaptados a modelos teóricos já desenvolvidos para as línguas orais do que a orientação (BRENTARI, 1998). A orientação da mão, entretanto, parece estar de alguma forma interligada aos outros parâmetros (SANDLER & LILLOMARTIN 2006; BRENTARI, 1998). Por indicar a direção que a mão aponta durante a realização do sinal, a orientação relaciona-se anatomicamente com a configuração de mão, envolvendo, portanto, a seleção e a posição dos dedos (SANDLER & LILLOMARTIN 2006). Também se relaciona ao ponto de articulação, pois, dependendo do local de realização do sinal, a orientação torna-se previsível (SANDLER & LILLOMARTIN 2006), e ao movimento, se considerarmos que movimentos internos do punho e do antebraço (como supinação, pronação, adução, abdução, extensão e flexão) geram necessariamente uma mudança na orientação da palma (BRENTARI, 1998).

Por essa razão, dificilmente a pessoa que experiencia o TOF vai recuperar apenas a orientação de mão isolada, como pode ocorrer com a CM e L. Baseado nos dados do presente trabalho é possível perceber que, quando a orientação é recuperada, necessariamente a CM, L e/ou M também são recuperados. A recíproca não é verdadeira: a não recuperação da orientação não acarreta no comprometimento da recuperação dos outros parâmetros.

Com relação ao local de realização do sinal, confirmamos a proposição do modelo hand tier o qual subordina a localização específica ao espaço geral de realização, que pode ser basicamente quatro: cabeça, tronco, braço e mão passiva. No caso do TOF, percebemos que a porcentagem de recuperação é alta para localização, tanto a específica (70%) como o espaço geral (85%), esse último sendo mais recuperado que o primeiro, pois é possível recuperar o espaço, sem recuperar a localização específica, mas nunca o contrário.

O parâmetro fonético-fonológico que foi menos recuperado no momento do TOF foi o movimento, em 35% dos casos. Todos os outros parâmetros foram recuperados 50% ou mais vezes. Os sinais em que não ocorreram a recuperação do movimento envolviam movimentos de vários tipos: trajetória; trajetória curto; e movimento interno. O estudo de Thompson, Emmorey e Gollan (2005) também chegou à conclusão de que o parâmetro movimento foi o menos recuperado no momento do TOF de sinais lexicais.

Com base nos resultados percebemos que o parâmetro movimento possui um status distinto dos outros parâmetros na produção de um sinal. Segundo os modelos fonológicos de Liddell e Johnson (1989) e o modelo hand tier de Sandler (1986, 1987, 1989), o movimento se constitui em uma posição sequencial, entre suspensões, no modelo de Liddell e Johnson (1989), ou entre localizações específicas em um espaço geral de realização do sinal, no modelo de Sandler (1986, 1987, 1989). Essa dinâmica entre segmentos estáticos e dinâmicos gerou uma comparação com a formação silábica CV (consoante-vogal) nas línguas orais, por conta do comportamento de cada um. A estrutura LML (localização-movimento-localização) passou a ser considerada por alguns estudiosos da área como a estrutura silábica do sinal e a estrutura canônica dos sinais monomorfêmicos (SANDLER, 1986, 1987, 1989).

Os resultados deste trabalho coadunam com a ideia apontada por alguns pesquisadores da área de língua de sinais (cf SCHERMER, PFAU, 2016),

incluindo o estudo de Thompson, Emmorey e Gollan (2005) de que os parâmetros localização, configuração de mão e orientação (parâmetros mais recuperados no momento do TOF) constituem o onset da estrutura silábica do sinal, isto é, o segmento inicial do sinal. Da mesma forma que ocorre no momento do TOT nas línguas orais, nas quais é comum a recuperação do fonema inicial da palavra- alvo, nas línguas de sinais são mais recuperados esses três elementos (CM, L, O), em detrimento do movimento, menos recuperado no momento do TOF.

A ocorrência do fenômeno “ponta dos dedos” em indivíduos surdos, além de contribuir para os estudos da fonologia da língua de sinais, contribui também para os estudos em processamento da linguagem. O fato de um fenômeno como esse ocorrer em pessoas surdas refuta o que o Stokoe (1991) havia chamado de “fonologia semântica”, teoria essa desenvolvida por conta da iconicidade das línguas de sinais. Segundo o autor, pelo fato dos sinais serem icônicos, não haveria uma separação entre o sistema semântico e fonológico no processamento das línguas de sinais. Os dados nos mostram que, embora as informações semânticas do sinal tenham sido recuperadas no momento do TOF, no processamento da recuperação lexical, assim como nas línguas orais (LEVELT, 1989; BROWN; MCNEILL, 1966), podem ocorrer falhas ou atrasos na recuperação de características fonético-fonológicas na Libras.

A ocorrência do fenômeno “ponta dos dedos” confirma o processamento da recuperação lexical em dois estágios: de codificação semântica e codificação fonológica (DELL, 1986; GARRETT, 1988; LEVELT, 1989), pois no momento do TOF, o indivíduo é capaz de recuperar informações semânticas do sinal, porém encontra problemas no processamento do lexema, isto é, na sua codificação fonológica. Por isso, no momento do TOF, é possível recuperar algum ou alguns aspectos fonético-fonológicos do sinal em TOF, mas o processamento completo não ocorre, ou demora para acontecer. Esse achado havia sido apontado por Thompson, Emmorey e Gollan (2005) e confirmado no presente trabalho, após a elaboração de uma metodologia distinta, a qual afastava ao máximo a interferência da língua oral na aplicação do teste. Desse modo, foi possível observar a ocorrência do fenômeno “ponta dos dedos” na Libras e analisar a recuperação lexical da língua de sinais pura e minimamente mediada por uma língua oral.

Conclusão

Este trabalho teve como objetivos observar, analisar e discutir como ocorre a busca por sinais-alvo, em indivíduos surdos/as, fluentes na Língua Brasileira de Sinais (Libras); verificar se ocorre, nesses indivíduos o fenômeno “ponta dos dedos”; e descrever os aspectos fonético-fonológicos na ocorrência do fenômeno. Para tanto, baseamo-nos nos estudos sobre o fenômeno “ponta da língua”, realizados nas línguas orais, sobretudo no de Brown e Mcneill (1966) considerado o primeiro estudo a realizar uma análise sobre o fenômeno, embasado em um arcabouço metodológico específico. Baseamo-nos também em pesquisas posteriores (BURKE et al, 1991; SCHWARTZ, 2002; BORODKIN, FAUST, 2015) e no único estudo encontrado sobre o fenômeno na língua de sinais

(THOMPSON, EMMOREY, GOLLAN, 2005). Este estudo, porém, utilizava a interferência da língua oral (o inglês) para eliciar o fenômeno em indivíduos surdos. Por isso, desenvolvemos um teste na tentativa de eliminar a interferência da língua oral na pesquisa, permitindo uma análise da recuperação do sinal propriamente dita, afastando ao máximo o processamento de uma segunda língua.

Concluimos que o TOF ocorre em usuários da Libras. A constatação da ocorrência do fenômeno nas línguas de sinais ajuda a confirmar a separação da codificação semântica da codificação fonológica estabelecidas em modelos de recuperação lexical de línguas orais (DELL, 1986; GARRETT, 1988; LEVELT, 1989). A ocorrência do fenômeno mostra que a codificação semântica foi realizada com sucesso sem, entretanto, a recuperação total do lexema. Há, portanto, uma falha na codificação fonológica e o sinal não é recuperado em sua completude.

Com relação ao momento de ocorrência do TOF, foi possível perceber elementos indicativos do fenômeno, embora este não tenha sido declarado pelos/as participantes. Em todos os casos de TOF foi recuperado ao menos um dos parâmetros fonético-fonológicos. Desse modo, dialogamos e acrescentamos mais dados ao estudo anterior de Thompson, Emmorey e Gollan (2005) sobre o fenômeno na ASL. Dos parâmetros fonético-fonológicos recuperados, a configuração de mão foi recuperada em 65% dos casos (13 vezes); a localização em 70% (14 vezes); o espaço em 85% (17 vezes); o movimento em 35% (7 vezes); a orientação em 50% (10 vezes); e o número de mãos em 90% dos casos (18 vezes). Para análise dos aspectos fonético-fonológicos recuperados no momento do TOF, baseamo-nos em teorias fonológicas das línguas de sinais (STOKOE, 1960; LIDDELL, JOHNSON, 1989; SANDLER, 1986, 1987, 1989).

Corroboramos também com a conclusão de Thompson, Emmorey e Gollan (2005) de que o movimento é o parâmetro menos recuperado no momento do TOF. Esse fato pode indicar que os parâmetros localização, configuração de mão e orientação (parâmetros mais recuperados no momento do TOF) constituem o onset da estrutura silábica do sinal, isto é, o segmento inicial do sinal. Da mesma forma com que no momento do TOT, nas línguas orais, é comum a recuperação do fonema inicial da palavra- alvo, nas línguas de sinais são mais recuperados esses três elementos, em detrimento do movimento, menos recuperado no momento do TOF.

Com esse trabalho buscou-se contribuir para os estudos linguísticos na área de língua de sinais e oferecer novos elementos sobre o fenômeno “ponta da língua”, explorado nas línguas orais, porém pouco estudado nas línguas de sinais. Conforme mencionado anteriormente neste trabalho, foi encontrado apenas um estudo sobre o tema na ASL (cf THOMPSON, EMMOREY, GOLLAN, 2005). Desse modo, a pesquisa possui um caráter inovador, uma vez que pela primeira vez é investigado o fenômeno “ponta dos dedos” na Libras, utilizando um método que valorizasse a língua de sinais, evitando a interferência de qualquer língua oral.

Sendo essa uma das primeiras investigações sobre o fenômeno “ponta dos dedos” nas línguas de sinais, o objetivo foi apresentar dados e informações sobre

o fenômeno na Libras, articulá-los a algumas fontes emblemáticas nos estudos de recuperação lexical e de língua de sinais e, assim, suscitar novas questões sobre o tema.

Referências

BARBOSA, F. V; NEVES, S. L. G; BARBOSA, A. F. Política Linguística e ensino de português como segunda língua. In: ALBRES, N. A; NEVES, S. L. G (orgs). Libras em Estudo: Política Educacional, Feneis, p. 119-138, 2013.

BATTISON, R. Phonological Deletion in American Sign Language. *Sign Language Studies*, Washington DC, v. 5, 1974 p. 1-19.

BIERDMANN, B; RUH, N; NICKELS, L; COLTHEART, M. Information Retrieval in Tip of the Tongue States: New Data and Methodological Advances. *J Psycholinguist Res*, 37, p. 171–198, 2008.

BORODKIN, K; FAUST, M. Word Retrieval in Developmental Language Impairments: Application of the Tip-of-the-Tongue Paradigm. In: FAUST, M (org.) *The Handbook of the Neuropsychology of Language*. UK: Wiley-Blackwell, pg. 959- 979, 2015.

BRENNEN, T; VIKAN, A; DYBDAHL, R. Are tip of the tongue states universal? Evidence from speakers of an unwritten language. *Memory*, 15 (2), p. 167-176, 2007.

BRENTARI, D. The Uses of Orientation in Agreement Morphology, 1998 Disponível em: <<https://www.sign-lang.uni-hamburg.de/intersign/workshop2/brentari/>> Acesso em Set/2018.

_____. Sign Language Phonology. In: GOLDSMITH, J; RIGGLE, J; YU, A. C. L. *The Handbook of Phonological Theory*. Malden: Wiley-Blackwell, p.691-721, 2011.

BROWN, R.; MCNEILL, D. The “tip of the tongue” phenomenon. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behaviour*, p. 325-337, 1966.

BROWN, A. S. A Review of the Tip of the Tongue Experience. *Psychological Bulletin*. Vol. 109, n. 2, p. 204-223, 1991.

_____. *The tip of the tongue state*. Psychology Press: New York, 2012.

BROWN, S. R. Tip-of-the-Tongue Phenomena: An Introductory Phenomenological Analysis. *Consciousness and Cognition* 9, p. 516–537, 2000.

BURKE, D. M et al. On the tip of the tongue: what causes word finding failures in young and older adults? *Journal of memory and language*, 30, p. 542-79, 1991.

DELL, G. S. A spreading-activation model of retrieval in sentence production. *Psychological Review* 91, 283–321, 1986.

ELAN (Version 5.2) [Computer software]. (2018, April 04). Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics. Retrieved from <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>

GARRETT, M.F. Processes in language production. In: NIEUMEYER, F.J. (Ed.), *Linguistics: The Cambridge Survey, Biological and Psychological Aspects of Language*, vol. 3. Cambridge University Press, Cambridge, UK, pp. 69–96, 1988.

_____. Sentence processing. In: Osherson, D.N & Lasnick, H. *An Invitation to Cognitive Science, Vol. 1: Language*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1990.

GOLLAN, T. H; BROWN, A. S. From Tip-of-the-Tongue (TOT) Data to Theoretical Implications in Two Steps: When More TOTs Means Better Retrieval. *Journal of Experimental Psychology: General*, Vol. 135, n. 3, p. 462– 483, 2006.

JAMES, W. *The principles of psychology*, Vol. 1. New York: Holt, 1890.

JAMES, L. E; BURKE, D. M. Phonological Priming Effects on Word Retrieval and Tip-of-the-tongue Experiences in young and older adults. In: *Journal of experimental psychology: learning, memory and cognition*. Vol. 26, n. 6, p. 1378-91, 2000.

LEVELT, W. J. M. *Speaking: From intention to articulation*. Cambridge, MA: MIT Press, 1989.

_____. Accessing words in speech production: Stages, processes and representations. *Cognition*, 42, p. 1-22, 1992.

_____. The skill of speaking. In: BERTELSON, P. EELLEN, P & D'YDEWALLE, G. (Eds.), *International perspectives on psychological science: Vol. 1. Leading themes* (pp. 89-103). Hove: Erlbaum, 1994.

_____. Spoken word production: A theory of lexical access. *PNAS* ,98 (23), p. 13464-71, 2001.

LEVELT, W. J. M; ROELOFS, A; MEYER, A. S. A theory of lexical access in speech production. *Behavioral and brain sciences*, p. 1–75, 1999.

LIDDELL, S. K; JOHNSON, R. E. American Sign Language: The phonological base. *Sign Language Studies*, v. 64, p. 197-277, 1989.

_____. Grammar, Gesture and Meaning in American Sign Language. NY: Cambridge, 2003.

MARIL, A; WAGNER, A, D; SHACTER, D, L. On the Tip of the Tongue: An Event-Related fMRI Study of Semantic Retrieval Failure and Cognitive Conflict. *Neuron*, Vol. 31, p. 653–660, 2001.

METCALFE, J; SCHWARTZ, B. L; BLOOM, P. A. The tip-of-the-tongue state and curiosity. *Cognitive Research: Principles and Implications*, 2:31, 2017.

MEYER, A. S.; BOCK, K. The tip-of-the-tongue phenomenon: blocking or partial activation? *Memory and Cognition*. 20 (6). 215-706. 1992.

OLIVEIRA, M. V. B. Aspectos teórico-metodológicos do fenômeno referido como palavras na ponta da língua. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, 42 (2): p. 889-902, 2013.

_____. Palavras na ponta-da-língua: uma abordagem neurolinguística. Tese (Doutorado e Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

RASTLE, K.G., & BURKE, D.M. Priming the tip of the tongue: Effects of prior processing on word retrieval in young and older adults. *Journal of Memory and Language*, 35, 586–605, 1996.

SANDLER, W. The spreading hand autosegment of american sign language. *Sign language Studies*, v. 50, p. 1-28, 1986.

_____. Hierarchical organization of phonological features in American Sign Language. *Parasession on Autosegmental and Metrical Phonology*. Chicago Linguistic Society. Chicago, IL: University of Chicago, 1987.

_____. Phonological representation of the sign: linearity and non-linearity in American Sign Language. Dordrecht: Foris, 1989

_____. The Phonological Organization of Sign Languages. *Lang Linguist Compass*, v. 6 (3), p. 162- 182, 2012.

SANDLER, W. LILLO-MARTIN, D. *Sign Language and linguistic universals*. NY: Cambridge, 2006.

SCHERMER, T; PFAU, R. Psycholinguistics. In: BAKER, A; BOGAERDE, B. V. D; PFAU, R; SCHERMER, T (eds). *The Linguistics of Sign Language*. An introduction. John Benjamins, p.25-50 , 2016.

SCHWARTZ, B. L. Illusory Tip-of-the-tongue States. *Memory*. 6 (6), p. 623 – 642, 1998.

_____. Sparkling at the end of the tongue: The etiology of tip-of-the-tongue phenomenology. In: *Psychonomic Bulletin & Review*. Vol. 6, n. 3, p. 379-393, 1999.

_____. *Tip of the Tongue States: Phenomenology, mechanism, and lexical retrieval*. New Jersey: LEA, 2002.

_____. Tip-of-the-tongue states as metacognition. In: *Metacognition Learning*. Vol. 1, n. 2, p. 149-158, 2006.

_____. The effect of being in a tip-of-the-tongue state on subsequent items. *Mem Cogn*, 39, p. 245–250, 2011.

SCHWARTZ, B. L; METCALFE, J. Tip-of the tongue (TOT) states: retrieval, Behavior, and experience. In: *Memory & Cognition*, Vol. 39, n. 5, p. 737-49, 2011.

STOKOE, W. Sign language structure: An outline of the visual communication systems of the American deaf. *Studies in Linguistics: Occasional papers*, v. 8, 1960.

STOKOE, W. Semantic phonology. *Sign Language Studies*, 71, 107–114, 1991.

THOMPSON, R; EMMOREY, K; GOLLAN, T. H. “Tip of the Fingers” experiences by Deaf Signers – Insights into the organization of a Sign-Based Lexicon. *American Psychological Society*, Vol 16, n. 11, p. 856-60, 2005.

WILBUR, R. B. Phonological and prosodic layering of nonmanuals in American Sign Language. In EMMOREY K.; LANE HARLAN. *The signs of language revisited: an anthology to honor Ursula Bellugi and Edward Klima*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.

XAVIER, A. N. Descrição fonético-fonológica dos sinais da Língua de Sinais Brasileira (Libras). *Dissertação (metrado em linguística) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.*

_____. *Uma ou duas? Eis a questão!: Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras)*. Tese (Doutorado em linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.